

# Histórias à sombra do Montado

— nº4 —

Distribuição Gratuita





# “Quem se preocupa com os netos planta um sobreiro”

Ditado popular

Caraterizado por um pontuado de sobreiros e azinheiras sobre pastagens e pousios nas planícies onduladas, o Montado é hoje a paisagem que simboliza o Alentejo, marcando também a cultura, os ciclos de trabalho e a economia local.

A floresta e o Montado de sobreiro e/ou azinheira são dos ecossistemas mais ricos do mundo e Portugal tem a maior área a nível mundial (concentra 34% da área mundial, num total de 736 mil hectares que correspondem a 23% da floresta nacional).

O Montado de sobro é uma verdadeira reserva de biodiversidade natural, incluindo fauna selvagem e flora diversa de características únicas.

Para além da produção de cortiça, de lenha e bolota, apresenta também capacidade de sustentar outras atividades económicas com importância regional e local, nomeadamente a produção de carne de qualidade e de leite, enquanto bases da indústria agroalimentar, a apicultura, a recolha de cogumelos e de plantas aromáticas e medicinais, a caça, e as atividades turísticas (turismo de natureza, turismo rural e ecoturismo).

Acresce ainda o seu papel estratégico no equilíbrio ambiental, nomeadamente na conservação dos solos, regulação hidrológica e sequestro de carbono.

Apesar da Assembleia da República ter reconhecido em 2011 o sobreiro como árvore nacional, de ser uma espécie protegida desde 2001, e de estar em vias de ser considerado paisagem cultural da humanidade pela UNESCO, o Montado de sobro encontra-se atualmente em declínio.

A investigação que tem sido realizada tem concluído que as causas da mortalidade residem num conjunto de factores, muitos deles originados pela ação humana, como as más práticas agrícolas realizadas em algumas explorações, que deixam as árvores mais suscetíveis às doenças. O stress hídrico provocado por períodos de seca ou pluviosidade anormal também favorecem a propagação de doenças.

Desta forma, pretendeu-se criar um projecto que preste a merecida homenagem ao sobreiro e ao Montado de sobro, reforçando sentimentos de identidade e pertença que atravessam múltiplas gerações e, simultaneamente, possa contribuir para disseminar um conjunto de boas práticas para a preservação do Montado que podem ser implementadas e partilhadas por todos.



*Há as estradas lá fora  
e as estradas cá dentro.*



*Vias, veias, avenidas.  
Caminhos de ferro, autoestradas.*

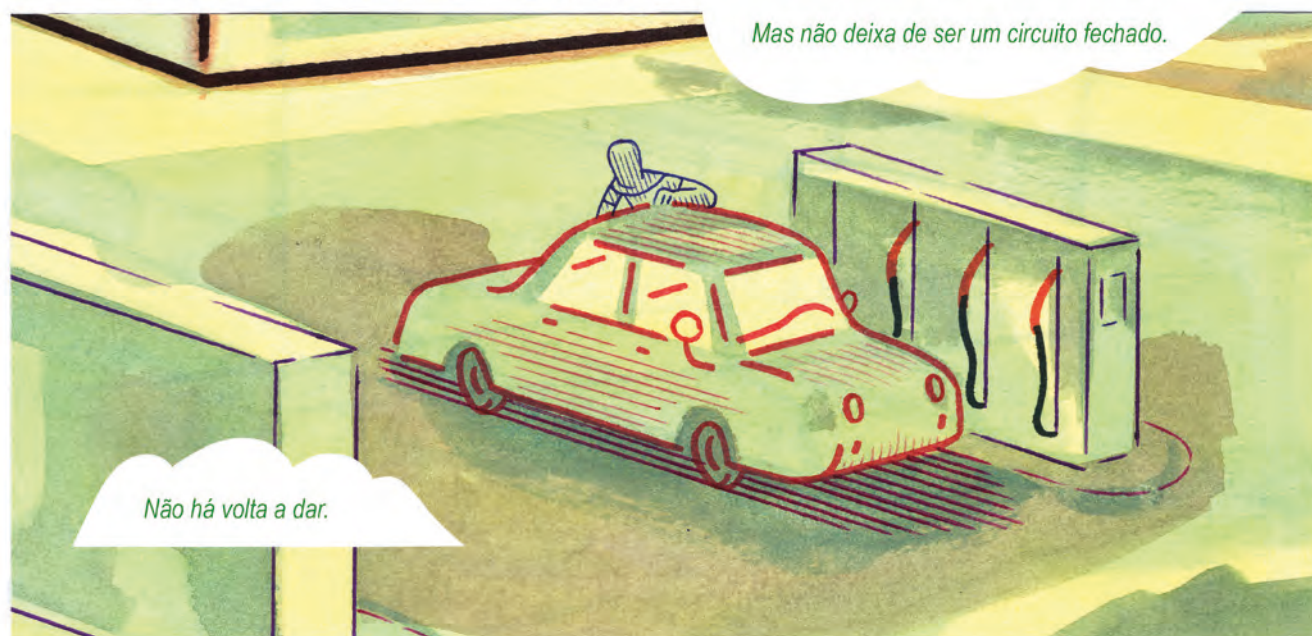


*Nervos, brônquios, artérias.  
Estrada nacional, medula espinhal.*



**VOLTAR PARA DENTRO**

*História: Ana Pessoa  
Desenho: Alain Corbel*







É como estas árvores, a minha filha.  
Também não comem nem bebem.

Mas essas não fazem nada.

Estás enganada.  
Estão sempre a trabalhar,  
só que não se mexem.

Então são como tu!  
Também estás sempre a trabalhar  
mas não te mexes.



Filha,  
já viste como a tua mãe me trata?



A mãe tem razão.

Obrigada, filha!

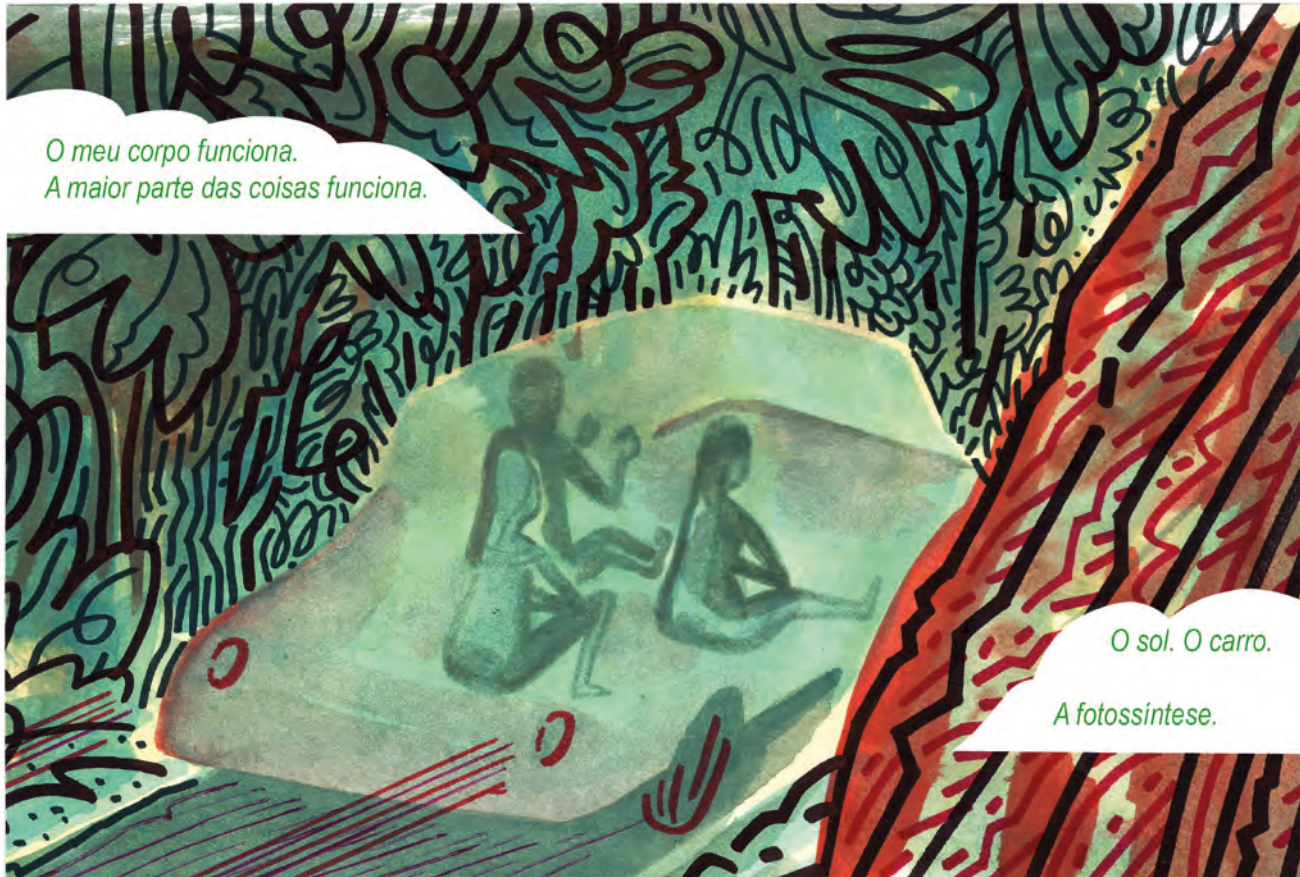
Bem, vou abrir o vidro  
para deixar entrar a harmonia.



Eu fecho os olhos e vejo tudo  
o que tenho cá dentro.

A minha língua, o meu sangue,  
o meu estômago.

Isso, de alguma maneira,  
ajuda-me.



O meu corpo funciona.  
A maior parte das coisas funciona.

O sol. O carro.

A fotossíntese.



Bem posso andar quilómetros e quilómetros.  
Nunca hei de sair da minha cabeça.



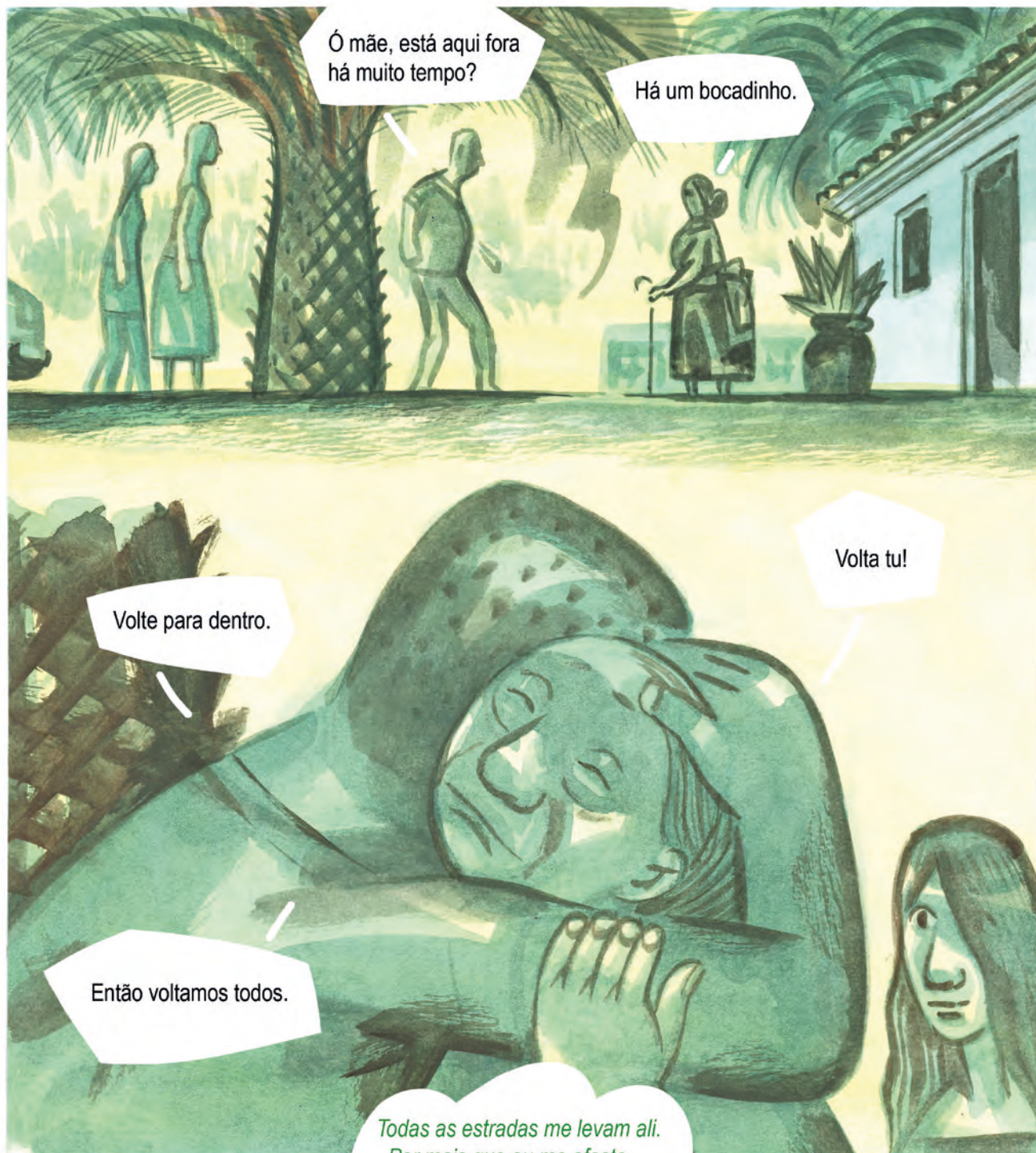
Lá está ela.



Lá estava ela.

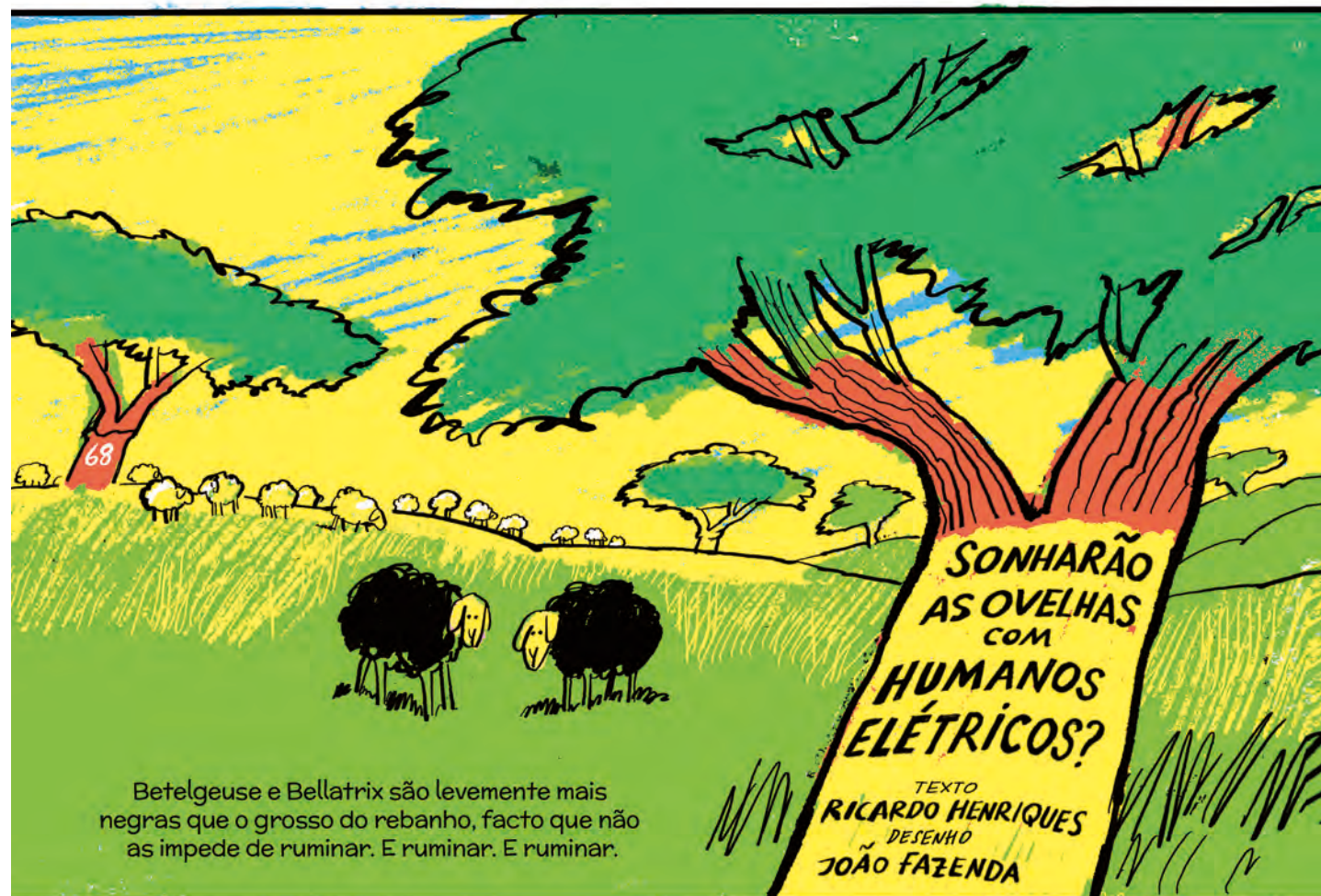
Quieta e antiga como um sobreiro.



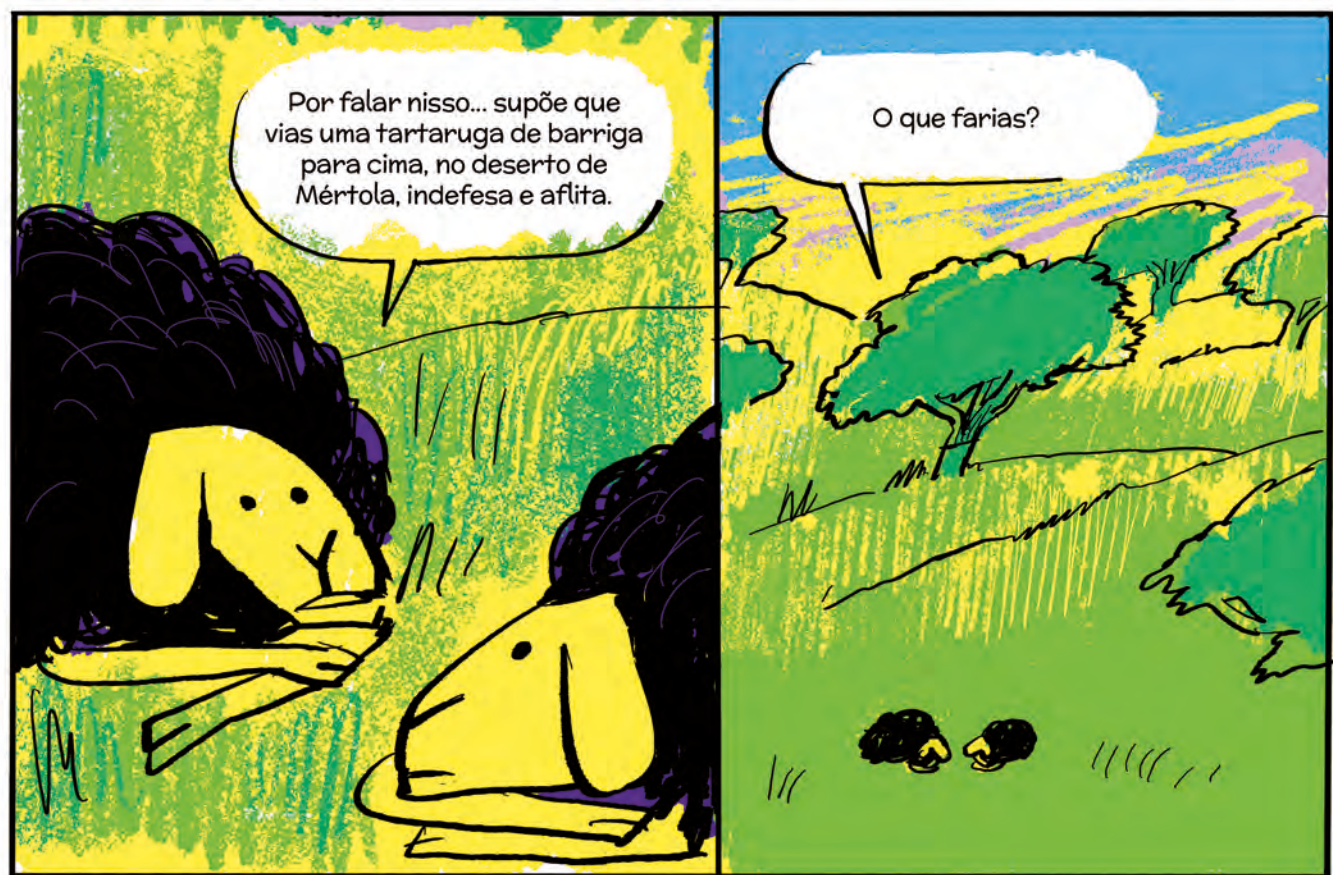


*Todas as estradas me levam ali.  
Por mais que eu me afaste,  
chego sempre a casa.  
Eu fecho os olhos e imagino.*

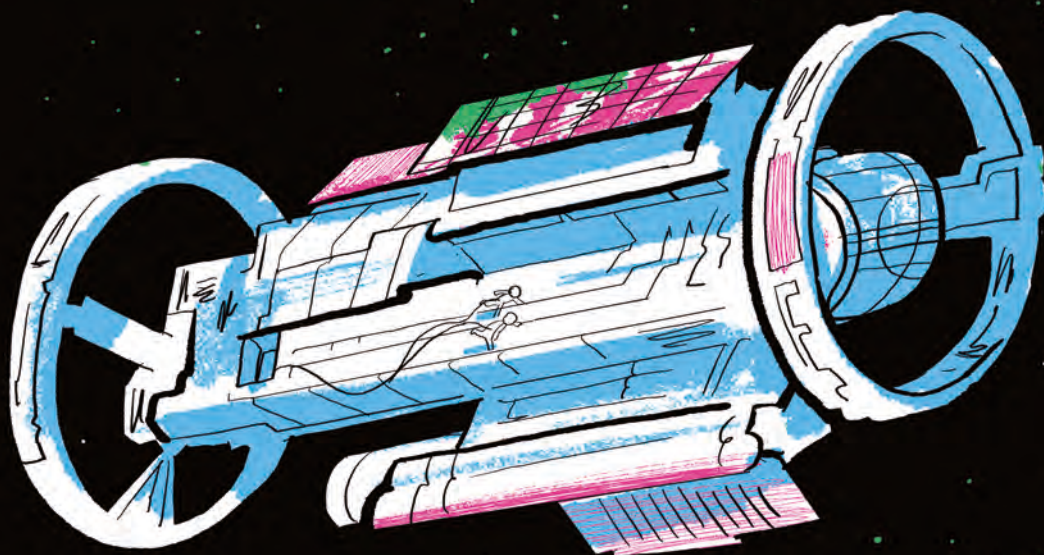








Entretanto, 400 quilômetros mais acima...



... há quem tenha outras questões.

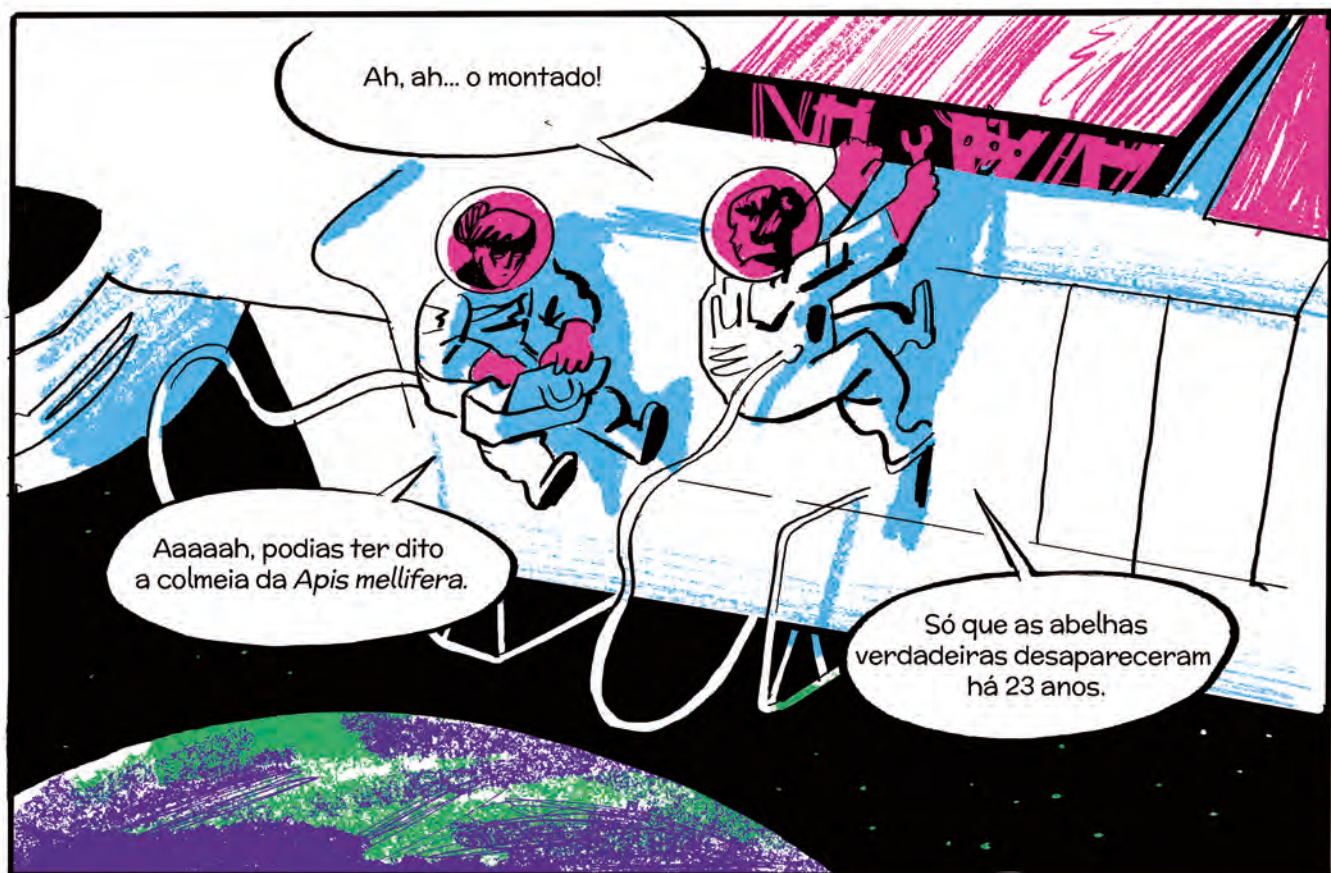
Será um foguetão  
mais belo que a  
Vitória de Samotrácia?

E se um  
hipotético  
extraterrestre  
passasse por nós,  
que pergunta  
nos faria?

Huum, esse alien  
apontaria para a Terra e diria  
'há alguma coisa que realmente  
funcione lá em baixo?'







Betelgeuse rumina demasiado tempo na resposta, claramente chumbando no teste...



...até que enche a boca com uma resposta algo intelectual, diz que cantaria uma ária de ópera, aquela famosa, Der Hölle Rache kocht in meinem Herzen\* e canta-a, feérica.



\*A vingança do inferno ferve no meu coração, ária de A Flauta Mágica, composta por Wolfgang Amadeus Mozart.

Haaaa-ah-ah-ah...  
ah-ah-ah-ah...  
meine Tochter  
nimmermehr!\*

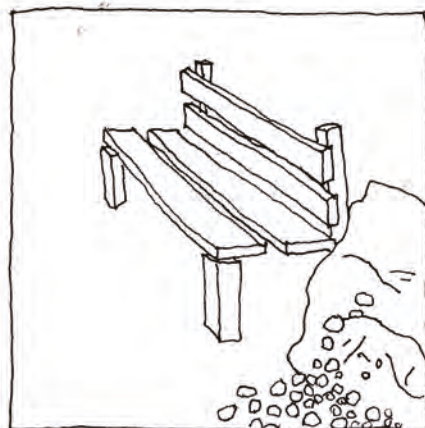
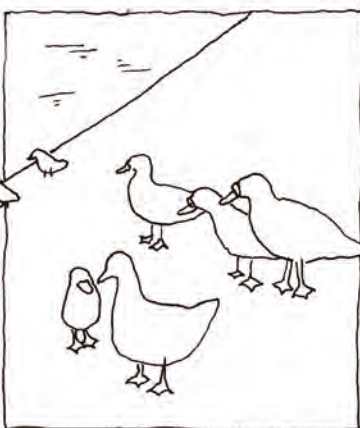
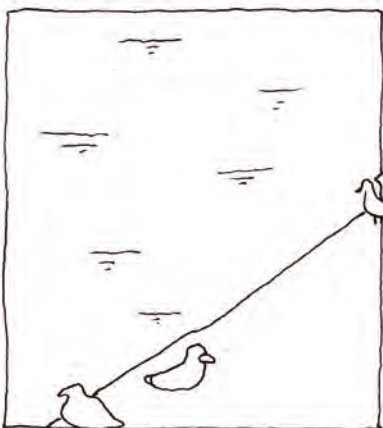
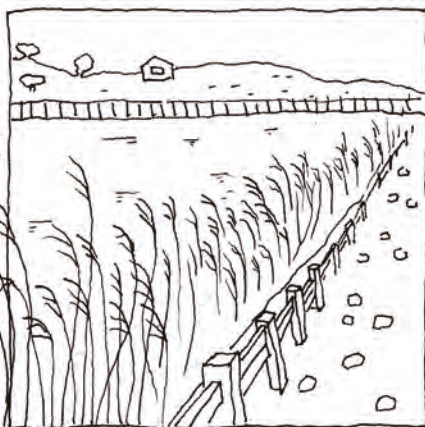
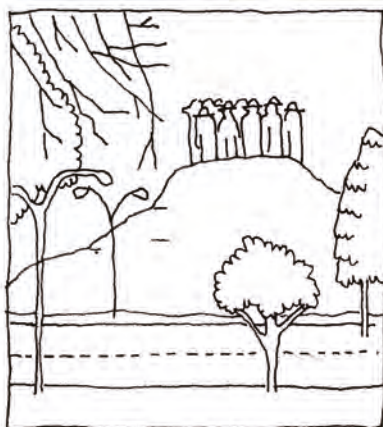


\* 'Haaaa-ah-ah-ah-ah-ah-ah... Minha filha, nunca mais!'

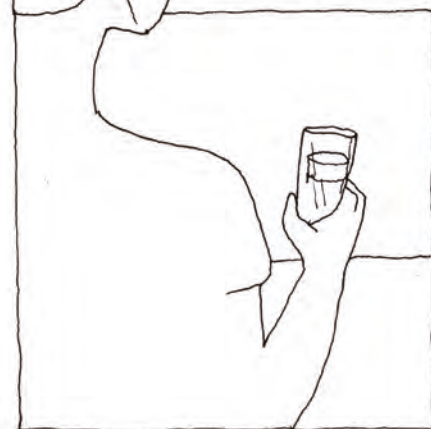
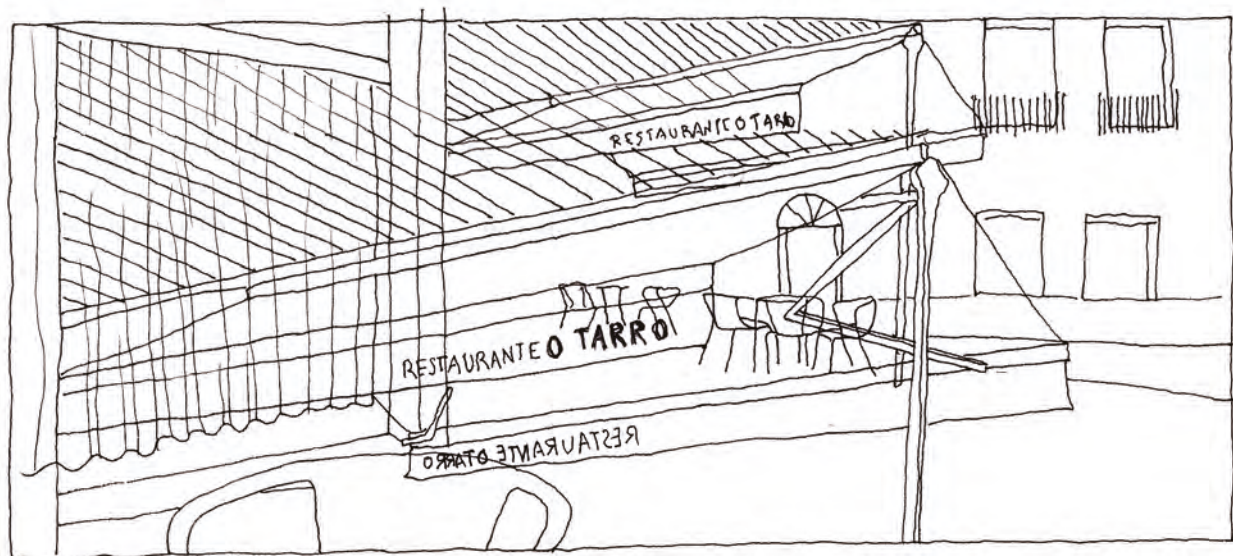
CHAMO-ME VÁLTER. TINHAM-ME EMPRESTADO UMA CASA PERTO  
DE ODEMIRA. IA LÁ PASSAR UNS DIAS, A VER SE ARREBITAVA  
DO MEU ESTADO MELANCÓLICO, SE ME DISTRAÍA.



DEAMBULEI PELA VILA DE ODEMIRA.



(...) CANSEI-ME.





(...) DEPOIS COMEÇAMOS A ATAR E A DESATAR NUMA CONVERSA MIRABOLANTE, PARECIA QUE COINCIDIAMOS NAS OPINIÕES ENOS TEMAS QUE GOSTÁVAMOS, QUE QUASE COINCIDIAMOS EM TUDO.

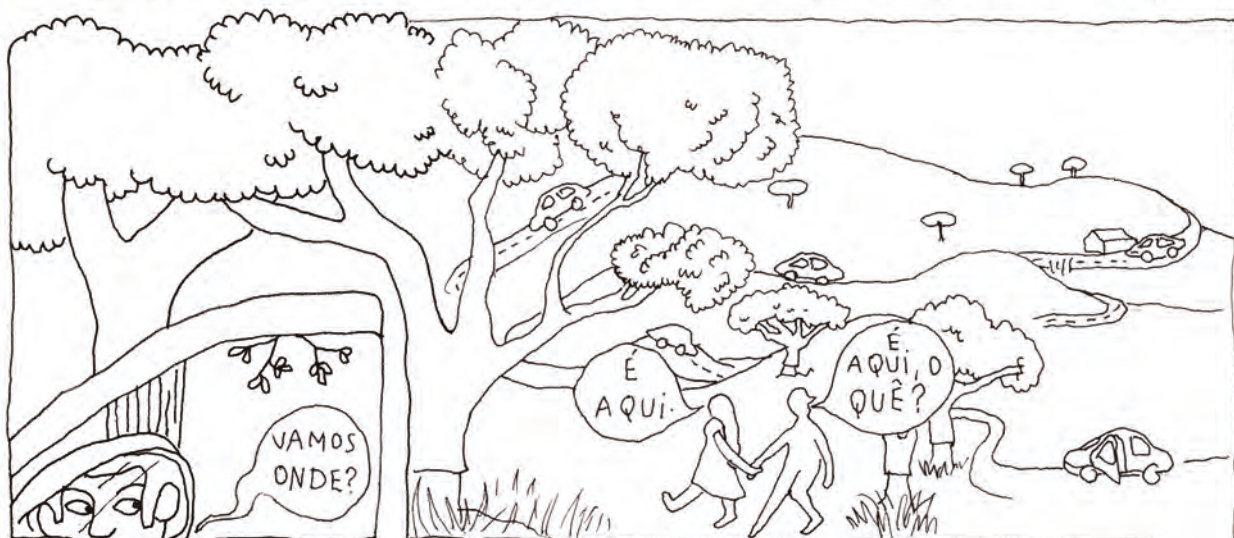


LEVANTÁMO-NOS E FOMOS CAMINHAR E CONVERSAR ANIMADAMENTE NAS MARGENS DO RIO MIRA.

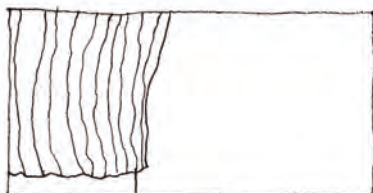


NO DIA SEGUINTE, FUI TER A ESPLANADA, AO MESMO SÍTIO. OUTRA TARDE CANÍCULA. ELA APARECEU. BEBEMOS VÁRIAS TAÇAS DE VINHO ALENTEJANO. O LÍQUIDO ESCURO E PROFUNDO ONDE SE ESCONDE UMA VERDADE SOLAR.

(...) EU SABIA QUE ERA PORTUGUESA, MAS NÃO SERIA ANTES

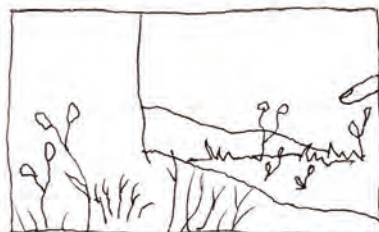


AS ÁRVORES SÃO EMOÇÕES DA TERRA.



ALÍ ESTÁ ENTERRADA A MINHA TRISAVÓ E AS IRMÃS.

O QUÊ!?



ELA INSISTIU COM O DEDO INDICADOR, OS LÁBIOS NUMA EXPRESSÃO DE SABEDORIA. EU NÃO DISSE NADA, NÃO SABIA O QUE DIZER. NÃO SABIA SE ERA COMPLETAMENTE MALUCA OU NEM POR ISSO.





ATÉ QUE  
ARREFECAMOS  
E  
FICAMOS COM  
PELE DE  
GALINHA.

DEPOIS, COMO SE NADA SE TIVESSE PASSADO, FOMOS PARA O CARRO E LEVOU-ME A CASA. CHEGÁMOS À CASA EMPRESTADA QUE EU CHAMAVA "CASA" E EU OUVI-ME DIZER: - AMANHÃ, OUTRA VEZ? NA ESPLANADA?

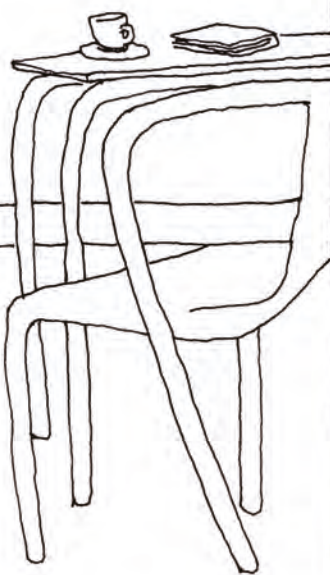


ANTE OTARRO

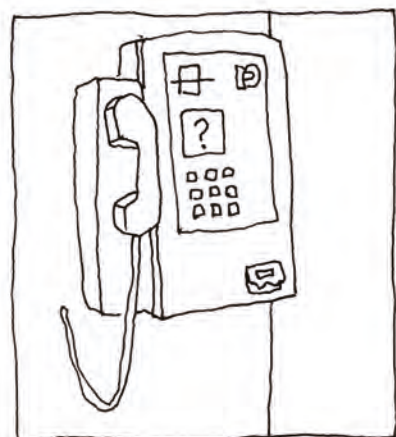


NO OUTRO DIA FUI  
ESPERÁ-LA.

E NO OUTRO TAMBÉM



COMO NÃO  
APARECEU,  
PASSEI DOIS  
DIAS AVASCOLHAR  
OUTROS SÍTIOS  
E ARREDORES.



MILFONTES.  
ZAMBUJEIRA.  
ATÉ FUI A  
ODECEIXE

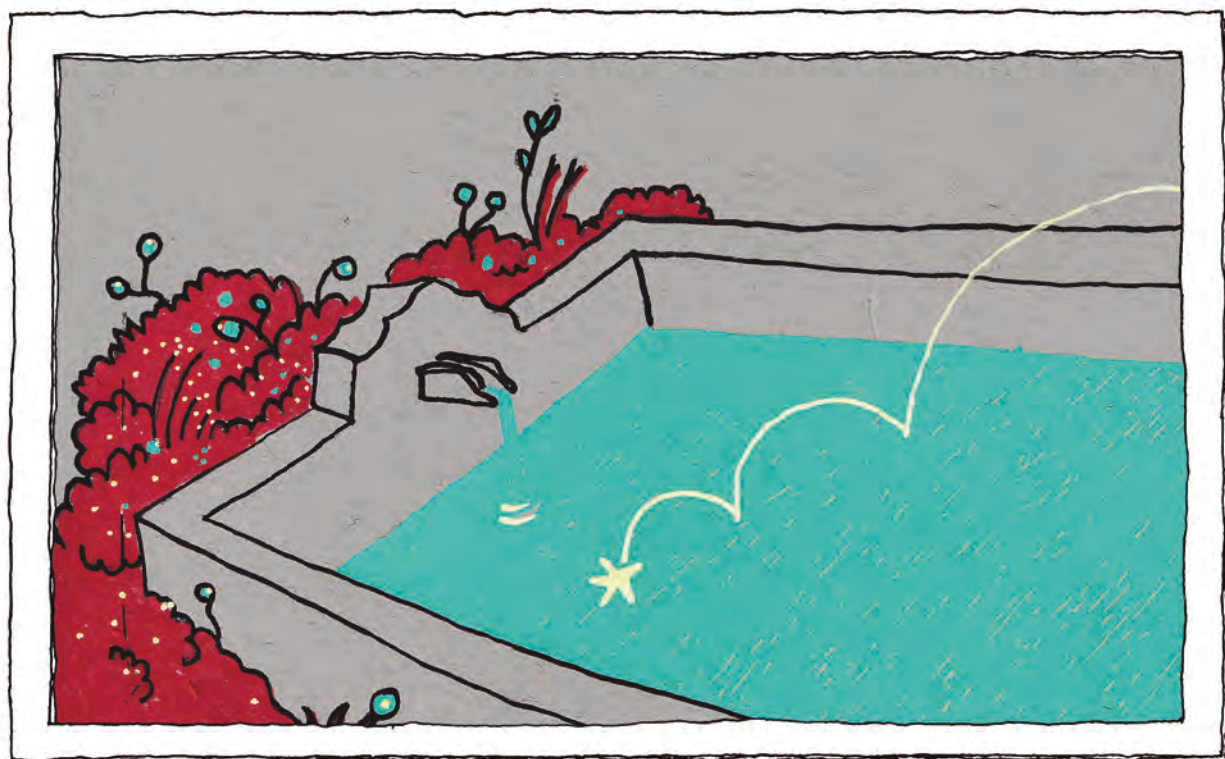


AFINAL ELA ERA  
DE BRONZE





MESES DEPOIS FUI A UMA EXPOSIÇÃO E COMPREI UMA FOTOGRAFIA DE UMA FONTE. ACABEI POR SAIR COM A FOTÓGRAFA E AGORA ESPERAMOS UM BEBÉ. UM DIA, SOZINHO NA SALA, OLHAVA PARA A FOTOGRAFIA DA FONTE. PARECEU-ME VER UMA MANCHA DE LUZ QUE PASSOU DE FORA PARA DENTRO DO TANQUE. DEPOIS ENTROU NA ÁGUA.





# A CURA

História MARTA PAIS OLIVEIRA  
Desenho SUSA MONTEIRO





Minha mãe avelava as bolotas. Fazia colares que punha em taleigos, ao fumeiro. Tinha tantos filhos ali à roda. Dormíamos todos na mesma cama. Preferíamos as de azinheira, mas havia lá um sobreiro que ia dando landes doces. Eu era gaiata, tinha de fugir aos guardas. Punham-se as bolotas a demolhar. Não eram nossas, tinha de fugir aos guardas, era um tempo de medo. O corpo tremia para largar o susto. Minha mãe também cozia as bolotas com ervas doces. Iam-se até comendo ervas, no campo, conduto no pão.



Que idade tinhas?

Tinha a idade que tinha, sei lá eu, o tempo é um mistério. Depois fui crescendo, fiquei de barriga. A tua mãe nasceu e eu levava-a para mondar, ficava numa sombra. Quando já gatinhava, prendia um fiozinho ao bracito, no sobreiro doce. Ela não puxava a linha, eram idades muito pequenas.

Isto aqui à volta estava tudo cavadinho, semeadinho. Apanhei tanta esteva. Um dia fui lavar ao poço, tinha as pernas muito inchadas. As mulheres disseram-me: vai mas é para casa ter essa gaiata. Meti a passada, rompeu-se o saco. A tua mãe já cuidou da tua tia. Nesse tempo tínhamos de ser.

Ser o quê?

Força.

Depois nasceste tu. Lembras-te de nascer?



Aprendeste as letras nesta mesa.

ODEMIRA, 1996.



ODEMIRA, 2026.

Lembras-te dele?

Muitas vezes.

Tanto gostava de ter um retrato da minha mãe. Assinava de cruz. Tinha olhos de fogo e mel.

Muito.

Era carinhosa?

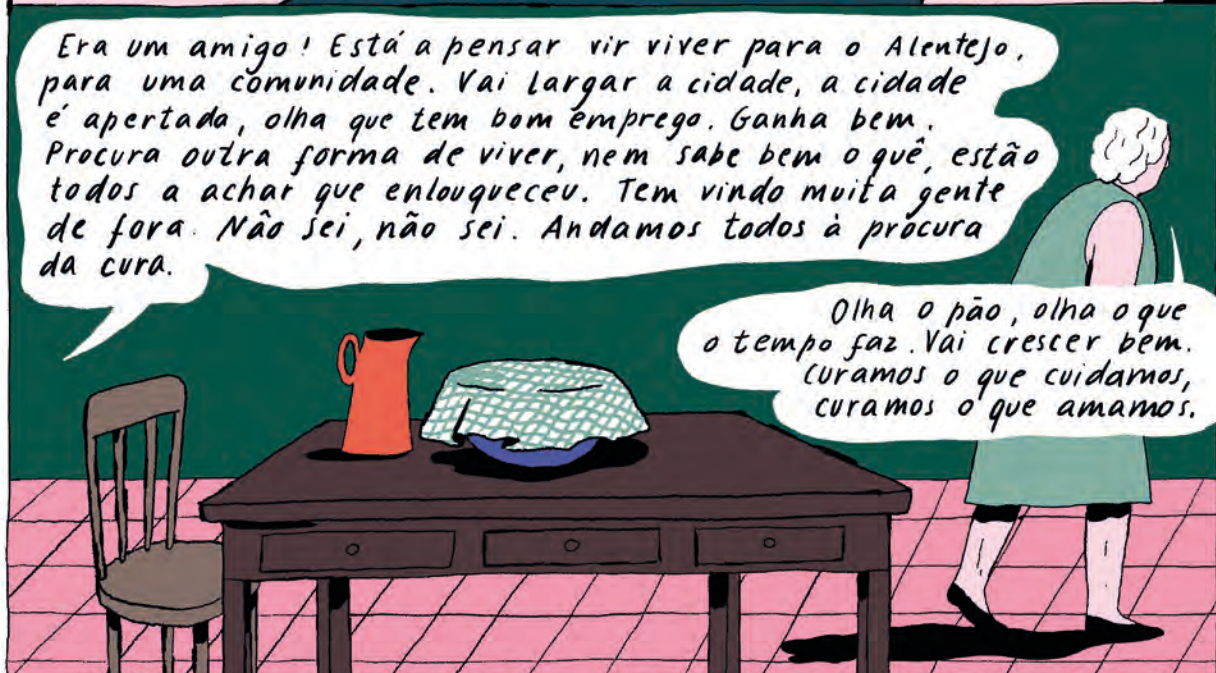
Será que quando morremos vemos tudo negro?

Queres mesmo juntar farinha de bolota?

Sim.

300 gr de farinha,  
200 gr de farinha de bolota  
350 ml de água morna  
15 gr de fermento fresco  
1 colher de chá de sal







Às vezes sonho que dos meus dedos  
nascem raízes azuis, da cor dos olhos  
dela. Que pena não ter um retrato dela.  
Tens os olhos da minha mãe.



Quem me dera lembrar-me dos  
meus sonhos. São confusos e esquisitos,  
só uns sussurros que quase não chego  
a ouvir.

Que é isso? Não te abando-  
nes ao desalento, rapariga.  
Todos os dias acontecem  
milagres.



Não os vejo.

Vamos dar um passeio.  
Tens vagar?

Vamos procurar  
milagres?



Parte de mim esteve  
na tua barriga, avó.  
Era um óvulo dentro  
da minha mãe.

Dizes tantos disparates! Parte  
de nós já esteve em todo o lado.

Se esta terra der rebentos  
É porque eu planto a contar



Olha a Lua.



Dá fruto devagar,  
como quem acredita  
no futuro, apesar de tudo.

Há troncos mortos  
que abrigam vida.

Avó, já levam a cortiça  
para a construção  
aeroespacial!  
Resiste ao fogo,  
à água, ao tempo.

A bolota tem  
bondade.

Nem carência, nem excesso.  
Nem fome, nem empaturramento.  
Nem imobilizado, nem docilmente  
acelerado. É difícil, o equilíbrio.

Que fazer?  
Falhamos e continuamos.



Vamos regressar, está' chegando  
a tardinha.

Deus te aumente e te acrescente,  
que refaas alimento para  
muita gente.



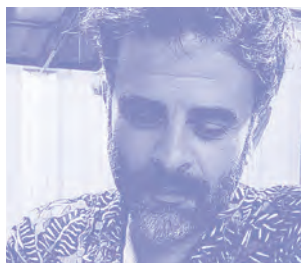
# Autores



## Rafael Dionísio

### Escritor

Rafael Dionísio nasceu em 1971, com outra identidade frequentou eng. de Minas, Arquitectura e Desenho no Ar.Co; não tendo concluído nenhuma das formações; depois fez licenciatura, mestrado e doutoramento em Estudos Portugueses. Actualmente é professor de Ficção Breve na pós Graduação de Artes da Escrita na FCSH (Lisboa). Publica poesia, conto e romance desde 2000 até hoje. Prepara um romance para sair e está a escrever um outro.



## Ricardo Henriques

### Escritor

É lisboeta desde sempre. Escreve e gatafunha em cadernos e toalhas de mesa para fins publicitários, documentais, literários e inúteis. Foi editor de duas revistas, uma para adultos e outra para crianças, e já perdeu a conta aos livros que escreveu, a maioria deles ilustrados por sumidades, tais como André Letria, Madalena Matoso, Nicolau e Pierre Pratt.

Fez uma bêdê obscura com a Daniela Duarte, umas tiras efémeras com o Nuno Saraiva e vai estreiar-se na imprensa aos quadrinhos com a Maria João Lopes, mas por agora partilha a sombra de um sobreiro com o João Fazenda.



Foto: Enrie Vives-Rubio

## Marta Pais Oliveira

### Escritora

Marta Pais Oliveira (Porto, 1990) é autora dos romances Escavadoras (Gradiva, 2021, Prémio Literário Revelação Agustina Bessa-Luís), Faina (Gradiva, 2024, Finalista do Prémio Literário Fundação Eça de Queiroz) e Como Caminhar num Pântano (Gradiva, 2026, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho). Publicou os contos O Homem na Rotunda, Quando Virmos o Mar, Medula (Prémio Nortear Galiza - Norte de Portugal, levado a cena pela companhia Peripécia Teatro) e Acaso é Nascer (Flâneur, 2025). Tenho os Olhos a Florir (Gradiva, 2024) marca a entrada na literatura infantojuvenil.

Enquanto dramaturga, escreveu os libretos das óperas Maria Magola, Madrugada: As razões de um movimento, Belo é o Destino Desconhecido, o teatro musical O Guarda-Rios Mágico e o circo Cícero e o Milagre da Vida.

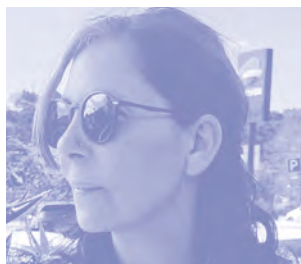


## Ana Pessoa

### Escritora

Ana Pessoa (1982) é escritora de livros infantojuvenis. Com o ilustrador Bernardo P. Carvalho, criou as bandas desenhadas “Desvio” (2020) e “Mar Negro” (2023), que receberam várias distinções (BD Amadora, Vinhetas d'Ouro, Prémios Bandas Desenhadas, menção honrosa no Prémio Jorge Magalhães de Melhor Argumento para Banda Desenhada, entre outros). Venceu em 2018 o Prémio Maria Rosa Colaço com o texto “Aqui é um bom lugar”, um diário gráfico com desenhos de Joana Estrela que conquistou vários prémios nacionais e internacionais (Catálogo White Ravens 2020, Prémio BD Amadora: Melhor desenhador português de livro de ilustração, recomendado pelo Guia IBBY do México, entre outras).

# Autores

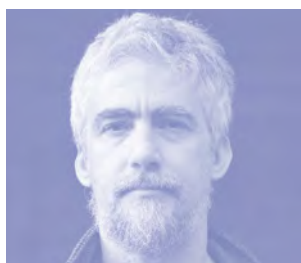


## Ostraliana

Artista

Ostraliana (Marta Sales) nasce em 1980, em Lisboa, reside actualmente nas Caldas da Rainha. É formada em Arquitectura, estudou ilustração e Banda Desenhada no Ar.co e fez a pós-graduação em Ilustração e Animação digital na ESAD de Matosinhos. Começou por trabalhar como arquitecta, posteriormente deu aulas de desenho e ilustração. Atualmente é realizadora de cinema de animação, trabalha como ilustradora, animadora e faz banda desenhada. É autora dos fanzines Sentido de Orientação, Truz Truz, Sua Vez e Calendário do Nunca. Pública com as editoras a tua mãe\*, Dor de Cotovelo e Sapata Press.

É ateia, simpatiza com o anarquismo e tem como objectivo anual participar na travessia de mar da Nazaré, sem morrer nem na praia, nem de choque térmico ao saltar para a água.



## João Fazenda

Artista

João Fazenda nasceu em Lisboa, cidade onde vive e trabalha, depois de uma década a viver em Londres. Divide-se entre a ilustração, o cartoon, o desenho, a animação e a banda desenhada. Formou-se em Pintura na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. Trabalha regularmente como ilustrador para a imprensa nacional e estrangeira (Expresso, The New Yorker, The New York Times, entre outros). O seu trabalho é exposto e premiado por todo o mundo — venceu o Prémio Nacional de Ilustração em 2015 e o World Illustration Awards, no mesmo ano, na categoria de livros; o Prémio de Ilustração BIG – Bienal de Ilustração de Guimarães, em 2018; e foi ainda várias vezes distinguido pela Society of Illustrators NY, Society of News Design, Communication Arts e American Illustration, entre outras distinções. É actualmente professor de Ilustração na FBAUL.



## Susa Monteiro

Artista

Susa Monteiro vive em Beja, cidade onde nasceu. Estudou Realização Plástica do Espetáculo na Escola Superior de Teatro e Cinema e Cinema de Animação no CITEN. É responsável pela linha gráfica e coorganizadora do Festival Internacional de Banda Desenhada de Beja e da Bedeteca de Beja desde a sua inauguração em 2005. Ilustrou livros e capas para diversas editoras em Portugal, Espanha, França e Brasil. Ilustrou cartazes e panfletos para várias instituições e projetos de todo o país e estrangeiro. Desde 2004 que ilustra regularmente para a imprensa nacional. Criou, para a Imprensa Nacional Casa da Moeda, a moeda “Unicórnio” inserida na coleção das criaturas mitológicas. Expõem frequentemente o seu trabalho em festivais de Banda Desenhada e galerias por esse país fora. Está a realizar a sua primeira curta-metragem de animação “Vagabundo” com a produtora Praça Filmes.



## Alain Corbel

Artista

Alain Corbel, Bretanha, França, 1965. Em Portugal, desde o início dos anos 90, trabalhou como autor/ilustrador em revistas e jornais. Ilustrou também vários livros, dos quais destacamos – Ilhas de fogo, Madre Cacau-Timor e Lenin Oil de Pedro Rosa Mendes, A Cor Instável de João Paulo Cotrim e Contos de Macau, de Alice Vieira, que lhe valeu o Prémio Nacional de Ilustração em 2002. Da sua autoria, publicou A viagem de Djuku e A Máquina Infernal, editados pela Caminho. A partir de 2002, com o apoio de diversas entidades, começou a organizar ateliês de escrita e ilustração nos Palops e Timor Leste Entre 2007 e 2021, foi professor no departamento de Ilustração do MICA, Baltimore, EUA. Entre 2010 e 2014, organizou viagens de estudos em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe para estudantes de arte. Vive atualmente no Alentejo e dedica-se à criação, ao ensino e à coordenação de oficinas.

# Boas práticas para a regeneração do Montado de sobro

Existem diversas medidas que podem ser implementadas e que contribuem para travar a degradação do Montado, entre as quais destacamos...

1

Para **AUMENTAR A ABSORÇÃO E A INFILTRAÇÃO DE ÁGUA**, permitindo a retenção de humidade e a proteção do solo:

- **Construir barragens ou charcas (devidamente licenciadas)** para armazenamento de água da chuva;
- **Fazer sementeira direta com culturas de cobertura** para aumentar a capacidade de infiltração de água no solo;
- **Evitar lavar o solo** de forma a protegê-lo da erosão;
- **Cobrir o solo à volta das árvores recém-instaladas** com uma cobertura natural que pode ser orgânica (palha, resíduos vegetais, lenhas, etc.) ou inorgânica (pedras, areia, etc.) para ajudar a reduzir a evaporação da água.
- **Proteger as linhas de escorrência e as linhas de água com plantações e/ou vedações** para reduzir o transporte de sedimento, o assoreamento e a evaporação, aumentar a infiltração e melhorar a qualidade da água.

3

Para **EVITAR A PROPAGAÇÃO DE DOENÇAS**, sendo as mais comuns o carvão do entrecasco e a fitóftora (esta última constitui a principal responsável pelo enfraquecimento e morte de sobreiros e azinheiras, ao atacar diretamente as raízes, embora os sintomas da doença se manifestem na copa das árvores):

- **Evitar gradagens ou lavouras**, uma vez que danificam as raízes, fragilizando as árvores e promovendo a disseminação das doenças no solo (utilizar antes o corta-matos no controlo da vegetação);
- **Desinfetar os instrumentos de poda e descortiçamento**, evitando a dispersão da doença;
- **Desinfetar e proteger as feridas resultantes da poda** com pasta cicatrizante;
- **Podar e remover os ramos afetados** das árvores doentes (apenas no caso do carvão do entrecasco).



2

Para **MANTER A COBERTURA DO SOLO** e assim proteger o solo nos períodos de chuva, favorecendo a infiltração de água e tornando o solo mais fértil e produtivo:

- **Fazer pastoreio rotativo** (com base num plano de pastoreio) para permitir a regeneração das pastagens;
- **Utilizar o corta-matos para o corte da vegetação**, evitando lavar o solo e deixando no chão as folhas secas e outros resíduos vegetais dos sobreiros ou de outras árvores ou arbustos;
- **Deixar ficar o restolho nas áreas cultivadas e as palhas**, no caso das culturas de cereais;
- **Evitar deixar o solo nu**, sem qualquer vegetação, como acontece a seguir a uma lavoura.



4

Para **MELHORAR O SOLO**, contribuindo para aumentar a sua fertilidade e fortalecendo-o para combater eventuais doenças:

- **Fazer sementeira directa ou plantação de leguminosas**, pois favorecem o enriquecimento do solo em azoto (entre as leguminosas incluem-se a fava, ervilha, grão-de-bico, feijões, tremocilha, ervilhaca, luzernas, serradelas, trevos, alguns arbustos como as giestas, tojos ou piornos, ou mesmo árvores, como a alfarrobeira).

5

Para **TORNAR O SOLO MAIS RICO, FÉRTIL E EQUILIBRADO**, contribuindo para reduzir as pragas e doenças e melhorar a saúde das árvores:

- **Criar pastagens permanentes biodiversas**, pastagens que depois de semeadas, se mantêm pelo menos por 5 anos mas podem durar décadas, compostas por um grande número de espécies e variedades (até 20), através de uma mistura de leguminosas (trevo, serradela, biserrula, luzernas) e gramíneas (azevém, panasco ou pé-de-galo, festuca alta, rabo-de-zorra); estas pastagens vão permitir dar aos animais uma alimentação mais rica em nutrientes e durante mais tempo.



7

Para **CONTROLAR AS PRAGAS** de insetos prejudiciais ao montado de forma natural, através do aumento da biodiversidade:

- **Criação de abrigos**, quer para insetos auxiliares, répteis e anfíbios, quer para aves e morcegos, ajudando a regular as populações de insetos prejudiciais.



6

Para **MELHORAR A PRODUTIVIDADE DO SOLO** contribuindo, simultaneamente, para o restauro de ecossistemas e para o incremento da biodiversidade:

- **Aplicar o pastoreio rotativo**, com base num plano de pastoreio: neste sistema os animais pastam em pequenas parcelas durante um curto período de tempo, ficando depois as parcelas em descanso durante um período mais alargado para permitir a recuperação da pastagem e o restabelecimento do seu potencial produtivo; este processo repete-se depois pelas restantes parcelas disponíveis.



8

Para **AJUDAR NA REGENERAÇÃO NATURAL E RENOVAR AS ÁRVORES DO MONTADO**, garantindo que nasçam novas árvores e o montado se mantenha saudável:

- **Proteger as novas plantas** com tubos ou vedações para que não sejam comidas por animais;
- **Criar zonas cercadas** (sem gado) para que as árvores jovens possam crescer sem serem comidas ou partidas;
- **Plantar sobreiros ou azinheiras jovens** em locais adequados, junto de plantas como giestas, rosmaninho ou estevas, que ajudam a dar sombra e proteção contra o sol, o vento e os animais;
- **Acompanhar e cuidar das áreas de regeneração**, fazendo podas para limpar os ramos mortos e conduzir as árvores, favorecendo a formação da copa em altura;
- **Colocar abrigos para animais como pássaros ou pequenos mamíferos**, que ajudam a espalhar sementes e a fazer nascer mais árvores.



Conceção e Produção: **Ronha-Associação Cultural**

Coordenação: **Hugo Tornado e Rita Gonzalez**

Histórias escritas por: **Ana Pessoa, Ricardo Henriques, Rafael Dionísio, Marta Pais Oliveira**

Histórias desenhadas por: **Alain Corbel, João Fazenda, Ostraliana, Susa Monteiro**

Design Gráfico: **Rui Santos**

Agradecimentos: **Alice Tornado, Filipe Silva (LIFE Montado-Adapt), Teresa Freitas (Quinta do Chocalhinho), José Guerreiro (Três Marias- Turismo Rural), Maria Bastidas (LIFE Montado-Adapt), Nuno Mamede Santos (TerraCrua Design), Paula Canha (AE Odemira- Clube de CiênciaViva), Paula Silva (Figueirinha Ecoturismo), Sílvia Laureano (Livraria Mirabolante)**

Data de edição: Setembro de 2026

Um projeto de:

Financiado por:



Apoios:



FIGUEIRINHA ECOTURISMO

TRÊS MARIAS



# Histórias à sombra do Montado

